

Estéticas nômades: outras histórias, outras estéticas, outros... ou o funk carioca: produção estética, epistemológica e acontecimento

Aldo Victorio Filho
avictorio@gmail.com

Instituto de Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

Este trabalho, um dos resultados de pesquisa ainda em processo voltada para a produção estética juvenil, propõe uma linha de fuga para além do panorama da arte instituída e outorgada. Pretende, via a investigação conceitual e empírica, percorrer os fluxos obra/cotidianidade, espaço/trânsito e artista/sujeito-comum, para problematizar sua(s) territorializações em face dos transbordamentos e reverberações estéticas que os praticantes dos cotidianos além muros da cidadela da arte produzem. Referimo-nos às produções desautorizadas, impuras e hibridizadas que, despreziosas com relação a qualquer outorga ou legitimação da arte ou da ciência oficiais, atravessam céleres as telas da cidade: mídias e conversas, indústria cultural e museus, centralidades e periferizações sociais, escolas e rua, etc. Das bordas às sobras da cidade. Obras, espaços e artistas se confundem em estéticas vagabundas e ferozes que, a despeito das teorizações circulantes na cidadela metafórica, constituem um notável trânsito estético, oportunamente exemplificado pelas produções das culturas da juventude periferizada, como é, especialmente, a produção do funk.

Apostamos na aguda interrogação das instituições que aventam para si a regulação e a outorga do conhecimento e da Arte. Portanto, na defesa de uma Educação eficaz e pela democratização da Arte, precisaremos interrogar ambas as instituições e numa a outra. Pretendemos, por meio da defesa da beleza que acontece à margem dessas instituições, apontar-lhes suas fragilidades, a sua implicação e ou sua cumplicidade na diagramação das mazelas que obstaculam o povo brasileiro, a começar pela indiferença às potencialidades das nossas juventudes. Acreditamos que tanto a Educação quanto a Arte podem e devem aprender e revigorar-se com o que produzem as redes juvenis, como exemplificamos com o funk. Por uma sociedade mais justa e uma vida mais bela.

Palavras chave: estética; arte; juventudes; centralidades e periferias.

Abstract

This work, result of a research which is still in process and that focuses the aesthetic juvenile production, proposes an escapement far beyond the approved and established scenery of Art. It aims, through a conceptual and empirical investigation, to examine the flows work/quotidian, space/transit and artist/common-person, to create the problem for the territorialization face the overflows and aesthetics reverberations that the practitioners of the quotidian over the walls of the citadel of art produce. We refer to the unauthorized, impure and hybrid productions that, being dispretentious in relation to any approval or legitimization of Art or official sciences, quick cross the screens of the city: mass communication and talks, cultural industry and museums,

centralities and social peripherization, schools and street, etc. From the borders to the surplus of the city. Works, spaces and artists get mixed in vagabond and ferocious aesthetics that, despite the circulating theorizations at the metaphorical citadel, constitute a notable aesthetic transit, casually exemplified by the productions of culture of the peripherized youth, as, especially, the funk production.

We bet the acute interrogation of the institutions that raise to them the regulation and the approval of knowledge and of Art. Thus, on defense of an effective Education and democratization of Art, we need to interrogate both institutions as well as one another. We intend, through the defense of beauty that occurs apart these institutions, pointing out their fragilities, their implications or complicity on the diagramming of the wounds that obstacle the Brazilian people, starting by the indifference to potentialities of our youth. We believe that both Education and Art can and should learn and revigorate themselves with what is produced on the juvenile nets, as we have exemplified with funk. For a more beautiful and fair life.

Key Words: Aesthetics; Art; Youth; Centrality, Outskirts.

Este trabalho, um dos resultados de pesquisa voltada para a produção estética juvenil, propõe uma linha de fuga para além do panorama da arte instituída e outorgada. Pretende, via a investigação conceitual e empírica, percorrer os fluxos obra/cotidianidade, espaço/trânsito e artista/sujeito-comum, para problematizar sua(s) territorialização(ões) em face dos transbordamentos e reverberações estéticas que os praticantes dos cotidianos além muros da cidadela da arte produzem. Referimo-nos às produções desautorizadas, impuras e hibridizadas que, despretensiosas com relação a qualquer outorga ou legitimação da arte ou da ciência oficiais, atravessam, céleres, as telas da cidade: mídias e conversas, indústria cultural e museus, centralidades e periferizações, escolas e rua, etc. Das bordas às sobras da cidade. Obras, espaços e artistas se confundem nas estéticas vagabundas e ferozes que, a despeito das teorizações circulantes na cidadela metafórica, constituem um notável trânsito estético, oportunamente exemplificado pelas produções das culturas da juventude periferizada, como é, especialmente, a produção do *Funk*.

Muitas armadilhas ameaçam essa aventura intelectual, e provavelmente daí se mostre uma das utilidades de seu investimento e a sua atualidade. Vivemos, na contemporaneidade, o esgarçamento e a tensão do espaço e tempo vividos e em devir. Os regimes de verdade que nos acompanharam e nos garantiram uma convivência amavelmente segura com as realidades do mundo, aos poucos foram sofrendo incontornável processo de esfacelamento. A robusta escriturística que os apoiava, por sua vez, foi também atingida por gradual perda de consistência na medida em que os desdobramentos da produção humana avançaram para além da contenção de suas molduras categoriais e de seus cabrestos codificadores.

Se os processos políticos surpreenderam o projeto moderno e frustraram previsões, se a ecologia e a tecnologia, por sua vez, alcançaram deslizamentos inesperados, obviamente seus enredamentos e interferências no universo cultural não se dariam de forma menos dramática ou evitável. Assim, as conceituações sólidas se volatizam, imponderáveis formas de entendimento se vão constituindo líquidas, irrepresáveis e escorregam para além da segurança de qualquer territorialidade fixa. As cercas categoriais/conceituais de um crível universo da arte surpreendem, cada vez mais, a investigação, na medida em que o encaixe de seus blocos-argumentos vai rareando, dando lugar às lacunas quilométricas como nas muralhas metafóricas do império (des) protegido narrado por Kafka e citado por Pelbart (2007).

O nomadismo que invade a cena é muitas vezes, ainda, invisível aos nossos olhos, seja por conta da cegueira provocada pelo desejo de amparo do nosso 'ecoepistêmico sistema', seja por conta da incapacidade da nossa percepção ideologizada de reconhecê-los em sua novidade fenomenológica. Os nômades, os inclassificáveis autores do desconcerto estético que atrapalha a cidade e nesta, a cidadela da arte, interrompem nossos ritos de amor ao que conhecemos e instituímos. Estes 'outros' nos impõem a convivência dolorosa com seus contrastes quase obscenos, suas 'outras' histórias: vida cotidiana comum e produção estética, vidas anônimas como obras de arte. Intimidades escandalosas entre a vida ordinária e a produção estética despossuída de qualquer parâmetro ou norma. Novidades que evidenciam as brechas nas muradas da cidadela, acessos por onde os nômades e seus feitos penetram,

atravessam e, assim, impõem alguma percepção de suas presenças voláteis, mas concretas, indiferentes, ameaçadoras aos sistemas de verdades da cidadela invadida.

Impõem, os inconvenientes viajantes, por meio de seus resíduos e vestígios de suas fixações fugazes, a visão inquietante da inútil realização dos encastelamentos conceituais, dos regimes de certezas partidários que, há tantos séculos, concorrem para a regulação da incontrolável produção estética e corroboram com a canalização das redes estéticas, urdidoras da condição humana, para os balcões do mercado capitalizador das existências. Desses nômades que raramente abandonam a cidade, mas atravessam seus campos estéticos, lançamos mão do *funk*, para nós um nome que leva a uma complexa rede de vivências, produções e sentidos, sensações e saberes. Nossa pesquisa está centrada na juventude carioca, na juventude *funk*.

Algo sobre o funk

O *funk* carioca nasceu de uma miscelânea de ritmos, uma grande quantidade de importações em permanente operação de trocas, incorporações, releituras e assimilações. O *Funk*, sob muitos aspectos, poderia ser considerado uma reedição da antropofagia de Mário de Andrade. Fenômeno que consumiu e recriou, de forma singular, uma estética própria e original, para além da outorga acadêmica, comercial ou dos mercados culturais. Em primeira e última análise, o *Funk* é um fenômeno rebelde e *desafiador* (Essinger, 2005).

Investigar o *Funk* é um ardiloso desafio que se revela desde os primeiros movimentos de sua abordagem. Pois, quase tudo do que chamaremos de 'rede *funk*' se espalha além do concreto acontecimento do baile, seu mais importante e concreto evento, o qual, por sua vez, não escapa dos inapreensíveis e inúmeros micro-acontecimentos circulantes em sua grande ação coletiva.

Então, o que dessa grande 'performance' é possível apreender nunca vai além das cinzas do que foi, pois, mesmo que se tente produzir a mais fiel narrativa da experiência vivida, com descrições do instigante espetáculo que é o baile, jamais será possível alcançar a totalidade desse fenômeno.

Nessa perspectiva, é a experiência (estética) empírica da ida ao baile que permite perceber a força dos saberes poderosos que lá circulam e se manifestam. É a estética das performances individuais e coletivas, das danças

e modos de estar, de se apresentar e de agir, também individual e coletivamente, o que defendemos como inegável e potente criação e deflagração de saberes. Saberes que, entre outras provocações, desconcertam os regimes de valores-verdades vigentes sobre a arte e a experiência estética.

Regimes, certamente, contaminados pela rede de interesses e crenças burguesas e pela tônica mercadológica que tem prevalecido em quase todas as mediações sociais.

O fenômeno *funk* ocorre, como qualquer fenômeno cultural espontâneo, livre de demarcações políticas e geográficas, fulgurando tanto nos centros urbanos quanto em regiões mais afastadas dos mesmos. É notável sua fulguração na cidade de São Paulo e em sua periferia, embora com características diferentes do *funk* carioca, no qual a pesquisa aqui utilizada se valeu. É oportuno registrar que o *funk* prima pelo deslocamento, é um 'acontecimento' que transita e flui. Parte das condições específicas do cotidiano da juventude periferizada em rumo à criação dos elementos reveladores de sua rede. Regras são reinventadas, normas desconstruídas, muitas condutas descartadas e outras tantas incorporadas.

Nas zonas de abandono nas quais emerge, todas as possibilidades estão disponíveis. Daí sua formidável força de criação no âmbito das sobras, do relegado, descartado e condenado. Das verdades morais aos valores estéticos. É preciso associar à leitura dessas reflexões à decisiva condição dos sujeitos protagonistas da 'rede *funk*', ou seja, de abandono político, desproteção social e demais agruras comuns à população pobre brasileira. Convém observar, também, que nossa abordagem é deflagrada já distante de qualquer perspectiva que tome as manifestações populares como eventos pré-modernos, primitivos, simples, ou meramente recreativos. Entendemos, em sintonia com a atualidade dos Estudos Culturais, que o *Funk* enreda forças inaugurais do cimento societal (Maffesoli, 2004), alude à liberação de alguns dos recalques da modernidade e destaca, sobretudo, a dinâmica do contraste entre a simplicidade e a complexidade do 'povo'. Afirmamos, também, que nossa abordagem se projeta do reconhecimento da riqueza cultural do fenômeno '*funk*' e de sua importância na compreensão das redes juvenis e de

suas potencialidades estéticas e epistemológicas. Dessa maneira, não nos furtamos em assumir o elogio ao *Funk*.

O *funk* carioca indicia seu tempo: ocorre em espaços urbanos castigados por grandes problemas ao mesmo tempo em que interage com a mutante paisagem tecno-científico-informacional contemporânea. O cenário *funk* é configurado por contrastes: contém a precariedade das condições infra-estruturais, a sofisticação tecnológica e força comunicacional. Condições atuais que emolduram, e dão clima, à geração do *funk*. Quanto ao seu público e autores, são, predominantemente, constituídos pela juventude atingida pela pobreza e por toda sorte de periferizações decorrentes. Uma juventude, sabidamente, de futuro incerto, na medida em que as políticas públicas não a consideram em suas agendas. A escola e outras emblemáticas instituições que formam a equipagem social e legitimam a sua participação, lhes são, também, comumente distanciadas. Esse afastamento é provocado, entre muitas outras colisões, pela rigidez anacrônica das linguagens e conservadorismo moralista que dominam as práticas curriculares e pedagógicas. Referimo-nos às práticas estruturalmente resistentes às invenções juvenis. Operações dominantes na dinâmica escolar, as quais, nos últimos anos, se viram agravadas pelo renovado moralismo cristão somado à tradicional ideologia burguesa. Essa conjunção opera tanto como força de manutenção de um código estético blindado quanto funciona como muralha simbólica às formas e maneiras de viver dos jovens em geral, sobretudo, quando estas se configuram pelas invenções emanadas das zonas de abandono da cidade. Aludimos à rede de sentidos e valores que cada instituição está envolvida. A eleição de um determinado código de valores estéticos e de verdades artísticas envolve, conseqüentemente, mesmo que não assumidas, filiações partidárias e adesões políticas.

A perspectiva que buscamos adotar é lançada para além de reduções maniqueístas e moralizantes. Desejamos, por certo, nos reportarmos à contemplação do gozo da criação poética sob os escombros do mito da autorizada e concedida inclusão social. O *funk* indicia uma inacreditável autonomia forjada por seus autores, ou seja, por um contingente de jovens que, mesmo não sendo todos autores de canções, são, de uma forma ou de outra,

seus criadores. Sobretudo se considerarmos as intensas incorporações e emanações dessa 'estética torta' em seus modos de viver cotidiano e as linguagens adotadas e praticadas. A rede cultural singular dessa juventude se repotencializa em todas as suas práticas cotidianas. Fazeres e saberes, nos quais nunca faltam a música, a exploração estética do corpo, o permanente jogo com a linguagem, a invenção da dança, etc. Defendemos, como já afirmamos, a rede *funk* como fonte de conhecimentos estéticos disponíveis e circulantes, audaciosa rede que se desdobra indiferente ao ainda hegemônico sistema de legitimação da arte e aos seus regimes normativos. A rede *funk* desafia, em sua cotidianidade, as práticas e moralismos da vigorosa vigilância da parte iluminada da cidade. Contudo, essa mesma rede anuncia em seus avanços hibridizantes que, se no âmbito econômico a fragmentação da cidade é de difícil recuperação, no âmbito cultural a organicidade de seus processos espontâneos desenha uma cidade enredada. Pois as mediações que viabilizam os encontros entre diferentes 'tribos juvenis', neste caso, a adesão ao lúdico e à estética *funk*, reinventam também a unicidade da cidade.

Podemos entender os encontros entre diferentes sintonias sociais e culturais, mediados pela adesão a esta ou àquela rede estética, como uma das manifestações da racionalidade estético-expressiva (Souza Santos, 2001) redinamizada nesses tempos pós-tudo, ou seja, realizações e encontros em linhas de fuga aos antigos cabrestos que a modernidade impôs à estética e à arte, bem como a muitos outros campos de saber e operações do poder. Entendemos essas operações mais do que meras ações de sobrevivência, embora o sejam e em todos os sentidos do termo. Vemos a juventude periferizada como autora da fulguração de sua existencialidade. Visto que criam as condições de sua sobrevivência simbólica que é inseparável da fisicalidade. A artcidade *funk* e sua estética infernal existencializa cada um de seus autores e vibra as conexões entre suas redes subjetivas. Nas práticas que investigamos saber e fazer, estética e conhecimento são faces da mesma obra, é a poiesis diária da vida de cada jovem ator da cena *funk*.

Na referida tessitura do universo *Funk* não há ações de oposição direta e firmada aos poderes instituídos que lhes são opostos. Contudo, suas práticas cotidianas são permanentes desafios e enfrentamentos, na medida em que as

reinvenções de alguns hábitos, sejam os novos modos de agir ou a própria reinvenção da linguagem, são indiscutivelmente efetivas rebeldias. Embora não encontremos ações planejadas de oposição literal e sistemática à regulação dos instrumentos e dispositivos de controle e ajuste social, a juventude 'funkeira' reinventa a condição juvenil, o que denotaria uma fortíssima oposição a todas as ações e energias, normas e dispositivos que lhe são desfavoráveis. Rebelde, a juvenilidade *funk* age no aproveitamento de chances fugazes e de espaços voláteis. Alimenta-se e se diverte nas brechas dos espaços e tempos da regulação, muitas vezes pouco, mas sempre o suficiente até a próxima oportunidade. Age na dramática estética das operações de caça (Certeau, 1994) e destes saltos e percalços agencia a vida como obra de arte.

Algumas considerações provisórias

Evitando as sempre inquietantes maquinações do mercado, cujas operações predadoras inventam estéticas imagéticas de uma juventude eterna e irreal, não podemos desprezar a centralidade da imagem do jovem na produção artística e, sobretudo, musical. Tanto os jovens produzem esteticamente quanto são produzidos pelas redes de interação cultural que dinamizam a contemporaneidade. Assim, as potencialidades e atuações do universo '*funk*' demandam ser investigadas como fontes indiciárias da arquitetura social elaborada por seus 'bondes' ou 'galeras', nas quais cada sujeito evidencia sua força como elo social. A marca da insegurança não imobiliza os meninos e meninas em definições estabilizadas, nem tão pouco engendra o seu o dever. Sob a perspectiva do jogo tática versus estratégia (idem, 1994), a estética *funk* pode significar a ação de uma inusitada ética, enquanto força de criação e manutenção da vida coletiva. Essa rede estetizada tem, entre outras funções, como anunciamos, a de cimento societal e surge como edição atual de antigas práticas de vivificação do coletivo (Maffesoli, 2005).

Não se pode aceitar que a *poemação* ou performance discursiva dos personagens presentes nas músicas – sejam os narradores ou os narrados – sejam reduzidas às etiquetas conservadoras de vocabulário euro-referenciado, machista e solidamente moralista. Em sintonia com os modos e maneiras de pesquisar o/com/no/do cotidiano (Alves, 2001), que é nossa escolha metodológica, o que dispomos aqui são notícias sobre um segmento

importante da juventude da cidade do Rio de Janeiro. Registrado em um misto de apontamentos e reflexões, que dão forma – pouco ortodoxa – aos resultados de nossa pesquisa. Operação investigativa e dialógica por meio da qual buscamos destacar aspectos fortes, mas invisibilizados, do panorama cultural e social da cidade do Rio de Janeiro. Aspectos que desafiam a educação básica e interrogam o ensino e a institucionalidade da ‘arte’ na contemporaneidade, além de indiciarem os dramas da cidade.

Assim como qualquer ‘estética’, a estética *funk* é política. Nada mais político que a luta cotidiana pela recuperação do espaço comum que é violentamente mercadologizado. Em tal enfrentamento, o jogo das belezas vividas no cotidiano tem utilidade tática. A estética *funk* ou sua exploração como força e cimento societal revelam formas de fruir e existir com originalidade antropofágica, transformadoras e sempre criativas de lidar com antagonismos e contrastes sociais e culturais. A estética *funk* é arma, portanto, no enfrentamento às violências simbólicas e adversidades materiais, assim como tem importância estratégica nos encontros que superam e ultrapassam as barreiras geradas pelas diferenças, sejam sociais, culturais ou de outras ordens. A ‘civildade’ outorgada sobrevive via a negação da diferença, e daí resultam a grave desqualificação da estética *funk* atrelada à acusação a seus autores de tibieza política. Contudo, como Feldman (1994), não os vemos nem como ‘passivos’, nem ‘alienados’ pois, permanentemente, criam *valores* e articulam práticas *éticas* e *estéticas*, ao mesmo tempo, em que usam técnicas e tecnologias nas suas redes cotidianas, dentro de processos múltiplos de mediação e hibridização” (Nilda Alves, 2005). Os jovens dos quais falamos, como qualquer sujeito, são criadores e produzem poéticas e narrativas que alicerçam e respaldam as suas existências. E, sem dúvida, a força dessas criações – política, estética e cultural – é proporcional aos riscos que seus autores enfrentam.

Tomamos também o *funk* como uma retomada da *estética da existência* (Miskolci, 2006) na qual o corpo tem papel fundamental. Pensar a vida como obra de arte implica entendê-la: a vida, como produção estética e de leituras do mundo. Enfim, como prática existencial a ser tomada como permanente aceitação de riscos, como qualquer aventura artística.

O nosso trabalho pretendeu, sobretudo, oferecer uma série de considerações a respeito das potências estéticas juvenis que acontecem fora dos espaços outorgados da arte, da cultura e da educação formais, ou seja, na marginalidade oficial. Por meio dessa argumentação, queremos defender, em última análise, uma sociedade mais justa e mais feliz. Sabemos que a nossa fala terá mais chances de êxito partindo do nosso território de atuação mais constante, a arte e seu ensino. Os difíceis tempos de agora nos impõem ousadias, seja na reflexão sobre o já sabido, seja em inusitadas experiências intelectuais. Como a inevitável desconstrução de muitas 'verdades' escoradoras das instituições que nos governam. Aqui, especificamente, a Educação e a Arte. Acreditamos que o território desprestigiado da juventude funkeira seria um excelente ponto de partida e/ou campo de luta. E muitos são os motivos da nossa crença: trata-se de um universo fortemente estetizado. Trata-se, também – *espaçotempo* da pobreza e desprovido de apoio ou proteção das instituições públicas – de um campo de auto-criação compulsória. Todo processo de criação estética é também de produção de saberes. Daí a nossa escolha da 'rede *funk*' como espaço privilegiado no qual se conjugam os fazeres da vida e os fazeres intensos da beleza. Um dos interesses de nosso trabalho é enriquecer o debate sobre a arte e seu ensino, inseparável da discussão das tensões entre as centralizações e as periferações, seja no que tange propriamente à arte, como no que abarca a cultura e a Educação. A todas essas instâncias, e aos seus enredamentos, oferecemos, portanto, os fluxos de nossa investigação.

Defendemos, finalmente, a aguda interrogação das instituições que aventam para si a regulação e a outorga do conhecimento e da Arte. Nosso trabalho não se ocupa objetivamente de colocar em xeque a totalidade da Arte e da Educação, contudo, na defesa de uma Educação eficaz e, para tanto, da democratização da Arte, precisaremos interrogar a arte e a educação, e nesta, aquela. Pretendemos, por meio da defesa da beleza que acontece à margem dessas instituições, apontar-lhes suas fragilidades e a sua implicação e ou cumplicidade na diagramação das mazelas que obstaculam o povo brasileiro, a começar pela indiferença às potencialidades de sua juventude. Acreditamos que tanto a Educação quanto a Arte podem e devem aprender e revigorar-se

com o que produzem as redes juvenis, como exemplificamos com o *funk*. Por uma sociedade mais justa e uma vida mais bela.

Referências bibliográficas:

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas:** sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. **A invenção do cotidiano 1:** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CORAZZA, Sandra Mara. **Para uma filosofia do inferno na educação:** Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____. **Artistagens:** filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DIOGENES, Gloria. **Itinerários de corpos juvenis:** o tatame o jogo e o baile. São Paulo: Annablume, 2003.

ESSINGER, Silvio. **Batidão:** uma história do funk. Rio de Janeiro: Editora Record. 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Método:** pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GEBAUER, Günter e WULF, Christoph. **Mimese na cultura:** agir social, rituais e jogos e produções estéticas. São Paulo: Annablume, 2004.

HERSCHMANN, Micael. **O funk e o hip-hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.

GUIMARÃES, Eloísa. **Escola, galeras e narco-tráfico.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MACEDO, Suzana. **Dj Malboro na terra do funck:** bailes, bondes, galeras e Rio de Janeiro: Prefeitura do Rio. MC's!. Editora Dantes. Livro revista. Coleção Sabastião – Radiografia Carioca, nº 3. 2003.

MAFFESOLI, Michel. **A Sombra de Dionísio:** contribuição a uma sociologia da orgia. São Paulo: Zouk, 2005.

_____. **A parte do diabo:** resumo da subversão pós-moderna. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. **A conquista do presente.** Natal: Argos, 2001.

_____. **O Tempo das Tribos:** o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2000.

MISKOLCI, Richard. **A vida como obra de arte – Foucault, Wild e a Estética da Existência.** Disponível em:

<www.ufscar.br/richardmiskolci/paginas/academico/cientificos/vidaarte.htm>

Acessado em: 20 de out. de 2007. 2006.

_____. **Corpos elétricos:** do assujeitamento à estética da existência. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000300006&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 21 de out. Estudos Feministas, Florianópolis, setembro-dezembro. 2006.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana:** o desafio da coerência. 30 Reunião da Anped in <http://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/30RA/30RA-programacao.html>.

PAIS, José Machado e BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos urbanas:** produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

_____. **Vida cotidiana:** enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003.

PELBART, Peter Pál. **Exclusão e biopotência no coração do Império.** Disponível em: <<http://www.cedest.info/Peter.pdf>>. Acessado em 20 de out. 2007.

SALLES, Ecio P. de. **O BOM E O FEIO:** Funk proibidão, sociabilidade e a produção do comum. Disponível em:

http://www.pacc.ufrj.br/z/ano3/03/ecio.htm#_ednecio.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo senso comum:** a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. V.1. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.

SMIERS, Joost. **Arte sob pressão:** promovendo a diversidade cultural na era da globalização. São Paulo, SP: Iluminuras, 2007.

TAYLOR, Roger L.. **Arte inimiga do povo.** São Paulo, SP: Conrad, 2006.

VIANNA, Hermano (org.) **Galerias cariocas:** territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

Aldo Victorio Filho

Bacharelado em Gravura e Licenciatura em Educação Artística pela Escola de Belas Artes da UFRJ; Mestrado e Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professor do Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UERJ – Linha de Pesquisa ‘Arte, cognição e cultura’ e da Pós-graduação da Universidade Veiga de Almeida no curso de Especialização em Ensino da Arte.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.